

**SAÚDE MENTAL E PERTENCIMENTO ACADÊMICO: DESAFIOS
CURRICULARES PARA MULHERES UNIVERSITÁRIAS**

**MENTAL HEALTH AND ACADEMIC BELONGING: CURRICULAR CHALLENGES
FOR UNIVERSITY WOMEN**

**SALUD MENTAL Y SENTIDO DE PERTENENCIA ACADÉMICA: DESAFÍOS
CURRICULARES PARA MUJERES UNIVERSITARIAS**

Gilmar Antoniassi Junior¹ 0000-0002-1809-1380

¹ Centro Universitário de Minas Geras – Patos de Minas, Minas Gerais, Brasil;
jrantiassi@hotmail.com

RESUMO:

A ampliação do acesso à educação superior tem evidenciado desafios relacionados à permanência estudantil, ao pertencimento acadêmico e à promoção da saúde mental, especialmente entre mulheres universitárias que conciliam múltiplos papéis sociais. Este estudo teve como objetivo analisar de que maneira as experiências psicossociais de mulheres universitárias oferecem subsídios para compreender desafios e possibilidades para a construção de currículos democráticos comprometidos com a promoção da saúde mental, da participação estudantil e do pertencimento acadêmico na educação superior. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, descritiva e exploratória, realizada com 44 mulheres universitárias participantes de rodas de conversa em uma instituição de ensino superior de Minas Gerais. Os dados foram produzidos em três encontros coletivos e analisados por meio da Análise Temática. Os resultados evidenciaram quatro categorias centrais: desafios da permanência acadêmica; saúde mental e sobrecarga; pertencimento acadêmico e construção de vínculos; e participação em espaços de acolhimento e diálogo. As participantes relataram dificuldades para conciliar estudo, trabalho, maternidade e responsabilidades familiares, além de experiências de ansiedade, insegurança e desgaste emocional. Em contrapartida, destacaram a relevância dos vínculos interpessoais, do acolhimento institucional e dos espaços participativos para o fortalecimento do pertencimento e do bem-estar. Conclui-se que essas experiências oferecem subsídios para a construção de currículos democráticos comprometidos com a inclusão, a participação estudantil e a promoção da saúde mental na educação superior.

Palavras-chave: saúde mental; pertencimento acadêmico; currículos democráticos.

ABSTRACT:

The expansion of access to higher education has highlighted challenges related to student retention, academic belonging, and the promotion of mental health, particularly among female university students who balance multiple social roles. This study aimed to analyze how the psychosocial experiences of female university students provide insights into the challenges and possibilities for developing democratic curricula committed to promoting mental health, student participation, and academic belonging in higher education. This qualitative, descriptive, and exploratory study involved 44 female university students who participated in discussion groups at a higher education institution in the state of Minas Gerais, Brazil. Data were generated through three collective meetings and analyzed using Thematic Analysis. The findings revealed four central themes: challenges to academic retention; mental health and overload in the

university experience; academic belonging and the construction of interpersonal bonds; and participation in spaces of dialogue and institutional support. Participants reported difficulties in balancing academic demands, work, motherhood, and family responsibilities, as well as experiences of anxiety, insecurity, and emotional exhaustion. Conversely, they emphasized the importance of interpersonal relationships, institutional support, and participatory spaces in strengthening their sense of belonging and well-being. The study concludes that these experiences provide valuable contributions to the development of democratic curricula committed to inclusion, student participation, academic belonging, and mental health promotion in higher education.

Keywords: mental health; academic belonging; democratic curricula.

RESUMEN:

La ampliación del acceso a la educación superior ha evidenciado desafíos relacionados con la permanencia estudiantil, el sentido de pertenencia académica y la promoción de la salud mental, especialmente entre mujeres universitarias que concilian múltiples roles sociales. Este estudio tuvo como objetivo analizar de qué manera las experiencias psicosociales de mujeres universitarias ofrecen elementos para comprender los desafíos y las posibilidades de la construcción de currículos democráticos comprometidos con la promoción de la salud mental, la participación estudiantil y el sentido de pertenencia académica en la educación superior. Se trata de una investigación cualitativa, descriptiva y exploratoria desarrollada con 44 mujeres universitarias participantes de grupos de diálogo realizados en una institución de educación superior del estado de Minas Gerais, Brasil. Los datos fueron producidos en tres encuentros colectivos y analizados mediante Análisis Temático. Los resultados evidenciaron cuatro categorías centrales: desafíos para la permanencia académica; salud mental y sobrecarga en la experiencia universitaria; sentido de pertenencia académica y construcción de vínculos; y participación en espacios de acogida y diálogo. Las participantes relataron dificultades para conciliar estudios, trabajo, maternidad y responsabilidades familiares, además de experiencias de ansiedad, inseguridad y desgaste emocional. En contrapartida, destacaron la importancia de los vínculos interpersonales, el apoyo institucional y los espacios participativos para fortalecer el sentido de pertenencia y el bienestar. Se concluye que estas experiencias aportan elementos relevantes para la construcción de currículos democráticos comprometidos con la inclusión, la participación estudiantil, el sentido de pertenencia académica y la promoción de la salud mental en la educación superior.

Palabras clave: salud mental; pertenencia académica; currículos democráticos.

Introdução

Nas últimas décadas, a educação superior brasileira passou por importantes transformações decorrentes da ampliação das políticas de acesso e democratização do ensino. A expansão das instituições de ensino superior, associada às políticas de inclusão educacional e às ações afirmativas, possibilitou que grupos historicamente sub-representados passassem a ocupar de forma mais expressiva os espaços universitários (Santos; Almeida Filho, 2008; Paula, 2017). Entre essas transformações, destaca-se o crescimento da participação feminina no ensino superior, fenômeno observado não apenas no Brasil, mas também em diversos países, refletindo mudanças sociais, culturais e econômicas que ampliaram as oportunidades educacionais e

profissionais para as mulheres (Nascimento *et al.*, 2023; UNESCO, 2023).

Dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) demonstram que as mulheres representam a maioria dos estudantes matriculados e concluintes da educação superior brasileira, evidenciando um movimento de fortalecimento da presença feminina nos processos de formação acadêmica (Brasil, 2023). Tal cenário revela avanços importantes no acesso à educação, ao mesmo tempo em que evidencia novos desafios relacionados à permanência estudantil, às condições de participação acadêmica e à conciliação entre os múltiplos papéis sociais desempenhados pelas mulheres contemporâneas (Zago, 2006; Coulon, 2017).

Nesse contexto, a universidade assume papel estratégico na promoção do desenvolvimento humano, da formação cidadã e da produção de conhecimento socialmente comprometido (Dias Sobrinho, 2010). Contudo, a democratização da educação superior não pode ser compreendida exclusivamente pela ampliação das oportunidades de ingresso. Torna-se necessário considerar também as condições que favorecem a permanência, o sucesso acadêmico e o sentimento de pertencimento dos estudantes ao ambiente universitário, especialmente daqueles grupos que vivenciam demandas e vulnerabilidades específicas ao longo de sua trajetória formativa (Tinto, 2012; Felicetti; Morosini, 2010).

A discussão sobre a democratização da educação superior tem sido acompanhada por reflexões acerca da qualidade dos processos formativos e da necessidade de superação de modelos curriculares fragmentados e excessivamente centrados na transmissão de conteúdo. Nesse cenário, os currículos integrados emergem como uma proposta capaz de articular diferentes áreas do conhecimento, promover a interdisciplinaridade e favorecer a formação integral dos estudantes, aproximando os processos educativos das demandas sociais contemporâneas e das demandas por inclusão, equidade e permanência estudantil (Silva; Almeida; Romaro, 2023).

Embora estudos clássicos continuem sendo referências fundamentais para a compreensão da integração curricular, como os de Beane (2003) e Santomé (1998), pesquisas mais recentes têm destacado a necessidade de currículos flexíveis e contextualizados, capazes de responder aos desafios sociais, culturais e emocionais vivenciados pelos estudantes universitários.

Sob essa perspectiva, a integração curricular ultrapassa a simples organização de conteúdos e passa a ser compreendida como uma estratégia pedagógica comprometida com a participação ativa dos estudantes, a construção coletiva do conhecimento e o fortalecimento de

práticas democráticas no ambiente educacional (Freire, 1996; Nóvoa; Alvim, 2021).

A formação universitária, portanto, não se restringe ao desenvolvimento de competências técnicas e profissionais, mas envolve também a construção de valores éticos, sociais e políticos que possibilitem aos sujeitos compreender criticamente a realidade e atuar de forma participativa na sociedade. Estudos recentes têm ressaltado que experiências formativas pautadas na colaboração, no diálogo e na integração entre ensino, pesquisa e extensão favorecem o desenvolvimento acadêmico e psicossocial dos estudantes, contribuindo para trajetórias universitárias mais significativas (Santos; Almeida Filho, 2008; Fávero; Lorenzon, 2023).

Nessa direção, os princípios das escolas democráticas e das pedagogias participativas reforçam a importância de ambientes educativos pautados pelo diálogo, pela escuta e pelo reconhecimento da diversidade de experiências dos estudantes. Tais elementos contribuem para a constituição de vínculos institucionais mais sólidos, favorecendo sentimentos de pertencimento, reconhecimento e participação acadêmica (Paro, 2025; Apple; Beane, 1997). Evidências recentes apontam que o sentimento de pertencimento à universidade está diretamente relacionado ao bem-estar, à permanência e ao sucesso acadêmico, especialmente entre grupos historicamente vulnerabilizados (Strayhorn, 2018; Cohn-Vargas *et al.*, 2023).

Além disso, pesquisas desenvolvidas no contexto brasileiro têm evidenciado a crescente preocupação com a saúde mental de estudantes universitários e sua relação com fatores institucionais, acadêmicos e sociais. Nesse campo, os estudos de Antoniassi Junior e colaboradores têm contribuído para a compreensão dos impactos das condições de vida, das vulnerabilidades psicossociais e dos processos de adaptação acadêmica sobre a saúde mental e a qualidade de vida de estudantes do ensino superior, destacando a importância de estratégias institucionais voltadas ao acolhimento, à promoção da saúde e ao fortalecimento dos vínculos universitários (Lima; Antoniassi Junior, 2024; Pinheiro; Antoniassi Junior, 2022).

Assim, currículos integrados e propostas educativas democráticas compartilham o compromisso de promover experiências formativas mais inclusivas, colaborativas e humanizadas, capazes de fortalecer não apenas a aprendizagem, mas também o envolvimento dos estudantes com a vida universitária. Nessa perspectiva, a integração curricular, associada a práticas institucionais de acolhimento e participação, pode constituir um importante fator de promoção do pertencimento acadêmico e da saúde mental, especialmente em contextos marcados pela ampliação do acesso e pela diversificação do perfil estudantil nas universidades brasileiras.

Paralelamente às discussões sobre democratização do acesso e inovação curricular, a saúde mental dos estudantes universitários tem se consolidado como uma preocupação crescente no cenário educacional contemporâneo. Estudos nacionais e internacionais apontam elevada prevalência de sintomas de ansiedade, estresse, depressão, exaustão emocional e dificuldades de adaptação acadêmica entre estudantes do ensino superior, evidenciando que a experiência universitária é atravessada por múltiplos fatores psicossociais que influenciam diretamente o bem-estar, o desempenho acadêmico e a permanência estudantil (Ardisson *et al.*, 2021; Delany; Garcia, 2025). Nesse contexto, torna-se cada vez mais evidente que a promoção da saúde mental não pode ser compreendida apenas como responsabilidade dos serviços especializados de atendimento psicológico, mas como compromisso institucional que envolve políticas de acolhimento, inclusão, participação e fortalecimento dos vínculos universitários.

A literatura recente tem demonstrado que o sentimento de pertencimento acadêmico constitui um dos principais fatores protetivos para a saúde mental dos estudantes. Monteiro (2025), ao investigar os sentidos atribuídos pelos universitários à experiência acadêmica, identificou que reconhecer-se como parte da comunidade universitária favorece a construção de sentidos para a permanência na instituição, contribuindo para o enfrentamento das dificuldades inerentes à trajetória acadêmica. De modo semelhante, pesquisas apontam que a participação em grupos de extensão, pesquisa, atividades culturais e espaços coletivos de convivência fortalece vínculos interpessoais, amplia o suporte social e promove experiências de integração capazes de reduzir sentimentos de isolamento e vulnerabilidade emocional (Bizarria *et al.*, 2025; Delany; Garcia, 2025).

Nessa perspectiva, a universidade passa a ser compreendida não apenas como espaço de formação profissional, mas também como ambiente produtor de subjetividades, relações sociais e experiências de desenvolvimento humano. O fortalecimento de vínculos institucionais, o reconhecimento da diversidade estudantil e a criação de espaços de diálogo e acolhimento têm sido apontados como elementos fundamentais para a promoção da saúde mental e para a permanência qualificada dos estudantes no ensino superior (Braga, 2026; Soldi, 2025). Tais aspectos dialogam diretamente com os princípios da universidade promotora da saúde, cuja proposta enfatiza a construção de ambientes acadêmicos capazes de integrar formação, cuidado e participação comunitária como dimensões indissociáveis da experiência universitária (Pinheiro; Antoniassi Junior, 2022).

Ao considerar que a saúde mental é produzida nas relações estabelecidas entre sujeitos, instituições e contextos socioculturais, torna-se necessário compreender como os processos

formativos e as experiências acadêmicas influenciam os modos pelos quais os estudantes constroem sentimentos de pertencimento, participação e reconhecimento.

Nesse sentido, a discussão sobre currículos integrados e propostas educativas democráticas amplia-se para além da organização dos conteúdos curriculares, passando a incorporar o compromisso com a criação de condições institucionais que favoreçam o bem-estar, a inclusão e o desenvolvimento humano integral. É nesse cenário que as experiências de mulheres universitárias assumem relevância analítica, uma vez que permitem compreender como diferentes demandas acadêmicas, familiares, profissionais e sociais se articulam na construção da trajetória universitária e na produção de sentidos sobre a formação superior.

Diante dessas considerações, o presente estudo teve como objetivo analisar de que maneira as experiências psicossociais de mulheres universitárias oferecem subsídios para compreender desafios e possibilidades da construção de currículos democráticos comprometidos com a promoção da saúde mental, da participação estudantil e do pertencimento acadêmico na educação superior.

Para alcançar esse objetivo, a pesquisa buscou especificamente: (i) compreender os desafios vivenciados por mulheres universitárias para a permanência na educação superior; (ii) analisar as repercussões dessas experiências sobre a saúde mental no contexto acadêmico; (iii) identificar como se constituem os processos de pertencimento acadêmico e de construção de vínculos institucionais; e (iv) discutir as contribuições de espaços participativos e práticas de acolhimento para a construção de currículos democráticos voltados à formação humana integral.

Metodologia

Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa, de natureza descritiva e exploratória, desenvolvido com o propósito de compreender as experiências psicossociais de mulheres universitárias e suas interfaces com a saúde mental, o pertencimento acadêmico e os processos de participação na educação superior.

A pesquisa foi realizada em uma Instituição de Ensino Superior localizada no interior do estado de Minas Gerais, Brasil, envolvendo estudantes regularmente matriculadas em cursos de graduação. Participaram do estudo 44 mulheres universitárias, selecionadas por conveniência, mediante adesão voluntária ao convite para participação em rodas de conversa temáticas voltadas à reflexão sobre a experiência de ser mulher no contexto universitário contemporâneo.

A produção dos dados ocorreu por meio de três rodas de conversa, realizadas em ambiente universitário, com duração média de uma hora e trinta minutos cada encontro. Os encontros foram conduzidos por pesquisadores vinculados ao grupo de pesquisa responsável pelo estudo e utilizaram estratégias dialógicas e recursos inspirados no psicodrama, com a finalidade de estimular a expressão de experiências, sentimentos, percepções e significados relacionados à trajetória acadêmica, aos papéis sociais desempenhados pelas participantes e aos desafios vivenciados no cotidiano universitário.

As rodas de conversa constituíram espaços coletivos de escuta, compartilhamento e construção de sentidos, possibilitando a emergência de narrativas relacionadas à conciliação entre estudo, trabalho, maternidade, responsabilidades familiares, projetos de vida, saúde mental e expectativas em relação à formação superior. Considerando a natureza participativa da estratégia metodológica, os encontros favoreceram a interação entre as participantes e a reflexão coletiva acerca das experiências vivenciadas no contexto acadêmico.

Os encontros foram registrados por meio de diário de campo e gravação de áudio, sendo posteriormente transcritos na íntegra para fins de análise. Os procedimentos éticos seguiram as diretrizes da Resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS) nº 510/2016, garantindo-se o anonimato, a confidencialidade das informações e a participação voluntária das participantes, mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). A pesquisa foi submetida à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), sob o CAAE¹ nº 79603724.3.0000.8078, sendo aprovada por meio do Parecer Consubstanciado nº 6.845.753.

A análise dos dados foi conduzida por meio da Análise Temática, conforme proposta por Braun e Clarke (2008), buscando identificar padrões de significados presentes nos relatos das participantes. Inicialmente foi realizada a leitura flutuante do material, seguida da codificação das unidades de sentido e do agrupamento dos conteúdos em temas analíticos. Posteriormente, os temas foram interpretados à luz dos referenciais relacionados à democratização da educação superior, saúde mental, pertencimento acadêmico e formação universitária.

A partir desse processo, emergiram categorias temáticas que possibilitaram compreender como as experiências de mulheres universitárias revelam desafios e potencialidades relacionados à permanência estudantil, à construção de vínculos institucionais, à participação acadêmica e à promoção da saúde mental. Essas categorias constituíram a base para a discussão dos resultados, permitindo refletir sobre as contribuições dos currículos

¹ Certificado de Apresentação para Apreciação Ética.

democráticos e das práticas institucionais de acolhimento para a formação humana integral na educação superior.

Resultados e Discussão

A análise temática das rodas de conversa permitiu identificar quatro categorias centrais que expressam aspectos significativos da experiência universitária das participantes: (1) mulheres universitárias e os desafios da permanência acadêmica; (2) saúde mental e sobrecarga na experiência universitária; (3) pertencimento acadêmico, reconhecimento e construção de vínculos; e (4) participação, acolhimento e experiências formativas democráticas. As categorias evidenciam que a trajetória acadêmica das participantes é atravessada por múltiplas demandas sociais, familiares e institucionais que influenciam diretamente sua permanência, bem-estar e participação na vida universitária.

Mulheres universitárias e os desafios da permanência acadêmica

Os relatos das participantes revelaram que a experiência universitária é frequentemente marcada pela necessidade de conciliar diferentes papéis sociais, incluindo trabalho, maternidade, responsabilidades familiares e atividades acadêmicas. Para muitas estudantes, permanecer na universidade exige constantes negociações entre demandas pessoais e exigências institucionais, produzindo desafios que ultrapassam as questões estritamente pedagógicas.

As participantes destacaram que a formação superior representa uma oportunidade de crescimento pessoal, autonomia financeira e mobilidade social. Entretanto, o percurso acadêmico também é acompanhado por sentimentos de cansaço, insegurança e sobrecarga decorrentes da multiplicidade de funções desempenhadas cotidianamente. Em diversos momentos, as estudantes relataram dificuldades para dedicar tempo aos estudos, realizar atividades acadêmicas e manter equilíbrio entre as diferentes dimensões da vida.

Esses achados corroboram a compreensão de que a democratização da educação superior não se limita à ampliação do acesso, exigindo igualmente condições efetivas de permanência e êxito acadêmico (Tinto, 2012). Conforme argumenta Braga (2026), políticas institucionais de acolhimento e suporte acadêmico tornam-se fundamentais para estudantes que vivenciam situações de vulnerabilidade social, emocional ou acadêmica. Nessa perspectiva, a permanência estudantil deve ser compreendida como um fenômeno multidimensional, influenciado por fatores econômicos, sociais, afetivos e institucionais.

A experiência das participantes também evidencia que currículos democráticos e integrados precisam considerar a diversidade de trajetórias e contextos de vida dos estudantes, reconhecendo que a formação acadêmica ocorre simultaneamente a outras responsabilidades sociais. Tal compreensão reforça a necessidade de práticas pedagógicas mais inclusivas e sensíveis às especificidades dos diferentes grupos que compõem a comunidade universitária.

Saúde mental e sobrecarga na experiência universitária

A segunda categoria reuniu narrativas relacionadas à ansiedade, medo, insegurança, autocobrança e desgaste emocional associados à vida universitária. Muitas participantes relataram preocupações constantes com desempenho acadêmico, conclusão do curso, inserção profissional e capacidade de corresponder às expectativas familiares e sociais.

Os discursos indicam que a sobrecarga decorrente da conciliação entre estudo, trabalho e responsabilidades familiares frequentemente repercute na saúde mental das estudantes. Sentimentos de exaustão, preocupação excessiva e dificuldades para lidar com as demandas acadêmicas apareceram de forma recorrente ao longo das rodas de conversa.

Esses resultados dialogam com pesquisas recentes que apontam elevada prevalência de sintomas de ansiedade, estresse e sofrimento psíquico entre estudantes universitários (Ardisson *et al.*, 2021; Lima; Antoniassi Junior, 2024). O estudo realizado por Lima e Antoniassi Júnior (2024) identificou que mulheres universitárias apresentam níveis preocupantes de ansiedade associados à pressão acadêmica, responsabilidades familiares e expectativas sociais, fatores também identificados nas narrativas das participantes desta pesquisa.

Sob a perspectiva da universidade promotora da saúde, a promoção da saúde mental exige ações institucionais que ultrapassem intervenções pontuais e individualizadas (Pinheiro; Antoniassi Junior, 2022). A criação de espaços de acolhimento, escuta e compartilhamento de experiências pode favorecer o enfrentamento das dificuldades acadêmicas e emocionais, fortalecendo recursos individuais e coletivos para lidar com os desafios da formação superior.

Nesse sentido, a saúde mental deve ser compreendida como dimensão constitutiva da experiência universitária e da própria qualidade dos processos formativos, especialmente em contextos comprometidos com a democratização da educação superior e a formação humana integral.

Pertencimento acadêmico, reconhecimento e construção de vínculos

A terceira categoria evidenciou que o sentimento de pertencimento acadêmico emerge

como elemento central para a permanência e o bem-estar das estudantes. As participantes relataram que o reconhecimento por parte dos colegas, professores e da instituição contribui para o fortalecimento da confiança, da motivação e da identificação com o ambiente universitário.

Os relatos demonstraram que experiências de apoio, convivência e troca favorecem a construção de vínculos significativos, possibilitando que as estudantes se reconheçam como parte integrante da comunidade acadêmica. Em contrapartida, situações de isolamento, dificuldades de relacionamento ou ausência de acolhimento tendem a ampliar sentimentos de insegurança e distanciamento institucional.

Monteiro (2025) destaca que o senso de pertencimento constitui um importante fator protetivo para a saúde mental dos universitários, contribuindo para que os estudantes atribuam significado à sua trajetória acadêmica mesmo diante das adversidades. Da mesma forma, Strayhorn (2018) argumenta que o pertencimento acadêmico está diretamente associado ao sucesso educacional, à permanência estudantil e ao desenvolvimento pessoal.

As narrativas analisadas indicam que o pertencimento não é produzido exclusivamente pelo desempenho acadêmico, mas pelas relações estabelecidas entre os sujeitos e os diferentes espaços da universidade. Dessa forma, políticas institucionais, práticas pedagógicas participativas e oportunidades de integração acadêmica podem contribuir para a construção de ambientes mais inclusivos e acolhedores.

Participação, acolhimento e experiências formativas democráticas

A última categoria revelou a importância dos espaços coletivos de diálogo e reflexão para o fortalecimento da participação estudantil e da construção de experiências formativas mais democráticas. As rodas de conversa foram frequentemente percebidas pelas participantes como oportunidades para compartilhar vivências, reconhecer experiências comuns e desenvolver novas formas de compreensão sobre si mesmas e sobre o contexto universitário.

O compartilhamento de experiências favoreceu processos de identificação coletiva, reduzindo sentimentos de isolamento e ampliando a percepção de apoio social entre as participantes. A possibilidade de falar, ser ouvida e reconhecer-se nas narrativas das demais estudantes produziu experiências de acolhimento e fortalecimento dos vínculos interpessoais.

Esses resultados convergem com os pressupostos das pedagogias democráticas e dos currículos integrados, que defendem a participação ativa dos estudantes na construção dos processos educativos (Freire, 1996; Apple; Beane, 1997). De modo semelhante, Bizarria *et al.*

(2025) ressaltam que espaços institucionais que favorecem interações sociais, protagonismo e validação das experiências estudantis contribuem para a promoção da saúde mental e para a construção de contextos universitários mais inclusivos.

A experiência das rodas de conversa também se aproxima dos princípios da universidade promotora da saúde, ao criar oportunidades de acolhimento, escuta e fortalecimento das redes de apoio entre estudantes (Pinheiro; Antoniassi Junior, 2022; Soldi, 2025). Sob essa perspectiva, currículos democráticos não se restringem à organização dos conteúdos, mas incorporam estratégias que favorecem participação, pertencimento, reconhecimento e desenvolvimento humano integral.

Assim, os resultados indicam que a promoção da saúde mental e do pertencimento acadêmico depende não apenas de serviços especializados de apoio, mas também da construção de ambientes institucionais comprometidos com o diálogo, a inclusão e a participação estudantil. Tais elementos constituem dimensões fundamentais para a consolidação de currículos democráticos capazes de responder às demandas contemporâneas da educação superior.

Conclusões

O presente estudo teve como objetivo analisar como as experiências psicossociais de mulheres universitárias evidenciam desafios e possibilidades para a construção de currículos democráticos, capazes de promover pertencimento acadêmico, participação estudantil e saúde mental na educação superior. Os resultados permitiram compreender que a experiência universitária é permeada por múltiplas demandas sociais, familiares, profissionais e acadêmicas, que influenciam diretamente a permanência estudantil, a qualidade de vida e os modos de participação das estudantes na vida universitária.

As narrativas analisadas evidenciaram que a permanência na educação superior ultrapassa questões relacionadas ao acesso e ao desempenho acadêmico, estando fortemente associada às condições de acolhimento institucional, ao fortalecimento dos vínculos interpessoais, ao reconhecimento das singularidades dos estudantes e à existência de espaços que favoreçam participação, escuta e diálogo. Nesse sentido, saúde mental, pertencimento acadêmico e permanência configuram dimensões interdependentes da experiência universitária, exigindo abordagens institucionais integradas e comprometidas com a formação humana integral.

Os achados também demonstram que experiências participativas, como as rodas de

conversa, constituem importantes dispositivos de acolhimento, reconhecimento e construção coletiva de sentidos, favorecendo processos de identificação, fortalecimento de vínculos e ampliação do suporte social entre estudantes. Tais elementos aproximam-se dos princípios que fundamentam os currículos integrados e as propostas de educação democrática, uma vez que valorizam a participação ativa dos sujeitos, a construção compartilhada do conhecimento e o reconhecimento da diversidade de experiências presentes no contexto universitário.

Sob essa perspectiva, o estudo reforça a compreensão de que currículos democráticos não podem ser concebidos apenas como propostas de reorganização dos conteúdos ou de integração entre disciplinas. Sua efetivação exige a construção de ambientes institucionais capazes de promover inclusão, pertencimento, acolhimento e participação estudantil, reconhecendo que os processos de aprendizagem são indissociáveis das experiências afetivas, relacionais e psicossociais vivenciadas pelos estudantes. Assim, a promoção da saúde mental deve ser compreendida como componente estruturante da democratização da educação superior e da qualidade dos processos formativos.

Do ponto de vista das implicações institucionais, os resultados apontam para a necessidade de fortalecimento de políticas permanentes de acolhimento estudantil, programas de promoção da saúde mental, ações de integração acadêmica e estratégias curriculares que favoreçam o protagonismo discente e a construção de vínculos significativos com a comunidade universitária. Tais iniciativas podem contribuir não apenas para a redução da evasão e do sofrimento psíquico, mas também para a consolidação de experiências formativas mais inclusivas, democráticas e socialmente comprometidas.

Como limitação, destaca-se que o estudo foi desenvolvido em uma única instituição de ensino superior e com um grupo específico de mulheres universitárias, o que não permite generalizações para outros contextos educacionais. Além disso, as análises foram produzidas a partir de experiências compartilhadas em rodas de conversa, refletindo percepções situadas e contextualizadas. Entretanto, tais características não reduzem a relevância dos resultados, uma vez que possibilitam compreender em profundidade aspectos subjetivos e relacionais frequentemente invisibilizados nos estudos sobre permanência estudantil.

Por fim, recomenda-se que futuras investigações ampliem a análise para diferentes cursos, instituições e grupos sociais, explorando as relações entre currículo, participação estudantil, pertencimento acadêmico e saúde mental. Também se mostram promissoras pesquisas que avaliem intervenções institucionais voltadas à promoção de ambientes universitários democráticos e promotores de saúde, contribuindo para o avanço das discussões

sobre currículos integrados e formação humana na educação superior contemporânea.

Referências

APPLE, Michel; BEANE, James. **Escolas democráticas**. São Paulo: Cortez, 1997.

ARDISSON, Giulia Machado Caldeira; ANDRADE, Rafaela de Oliveira; ANDRIÃO, Alexandre Vazzoler; MAFRA, Aline Cristina; FONSECA, Maria Carmela Kneip Lopes; AMÂNCIO, Mateus Gonçalves; MENÃO, Tauane Larissa; ALMEIDA, Maria José Guedes Gondim. Saúde mental e qualidade de vida dos estudantes de faculdades de medicina brasileiras: uma revisão integrativa. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, [S.l.], v. 13, n. 6, e6953, 2021. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/6953/4996>. Acesso em: 4 jun. 2026.

BEANE, James A. Integração curricular: a essência de uma escola democrática. **Currículo sem Fronteiras**, [S.l.], v. 3, n. 2, p. 91-110, 2003. Disponível em: <https://biblat.unam.mx/hevila/CurriculosemFronteiras/2003/vol3/no2/5.pdf>. Acesso em: 4 jun. 2026.

BIZARRIA, Fabiana Pinto de Almeida; PINHEIRO, Leonardo Victor de Sá; SILVA, Ana Cristine Mendes da; BARBOSA, Flávia Lorene Sampaio. Vivências, afetos e espaços habilitadores às interações sociais: ensaiando abordagem à saúde mental e extensão universitária na perspectiva de Vygotsky e González Rey. **Plurais - Revista Multidisciplinar**, Salvador, v. 10, e025021, dez. 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.29378/plurais.v10i00.21590>. Acesso em: 4 jun. 2026.

BRAGA, José Ricardo. Da democratização do acesso ao êxito acadêmico: o acolhimento institucional como estratégia de permanência qualificada. **Lumen et Virtus**, [S.l.], v. 17, n. 60, e13308, 2026. Disponível em: <https://periodicos.newsciencepubl.com/LEV/article/view/13308>. Acesso em: 4 jun. 2026.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). Diretoria de Estatísticas Educacionais. **Censo da Educação Superior 2022**: notas estatísticas. Brasília, DF, 2023. Disponível em: https://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2022/apresentacao_censo_da_educacao_superior_2022.pdf. Acesso em: 4 jun. 2026.

BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, [S.l.], v. 3, n. 2, p. 77-101, jul. 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>. Acesso em: 4 jun. 2026.

COHN-VARGAS, Becki; REER KAHN, Alexandra; EPSTEIN, Amy; GOGOLEWSKI, Kathe. **Belonging and Inclusion in Identity Safe Schools: A Guide for Educational Leaders**. New York: Teachers College Press, 2023. <https://doi.org/10.4135/9781071835791>. Disponível em: https://sk.sagepub.com/book/mono/belonging-and-inclusion-in-identity-safe-schools/toc#_. Acesso em: 4 jun. 2026.

COULON, Alain. O ofício de estudante: a entrada na vida universitária. **Educação e**

Pesquisa, São Paulo, v. 43, n. 4, p. 1239-1250, out./dez. 2017.

<http://dx.doi.org/10.1590/S1517-9702201710167954>. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ep/a/Y8zKhQs4W7NYgbCtzYRP4Tb/?lang=pt>. Acesso em: 4 jun. 2026.

DELANY, Guilherme Frayha; GARCIA, Lucas Tadeu. Impacto da participação em baterias universitárias na saúde mental e desenvolvimento de acadêmicos de Medicina. **Revista Brasileira de Educação Médica**, [S.l.], v. 49, n. 4, e151, 2025. <https://doi.org/10.1590/1981-5271v49.4-2024-0224>. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbem/a/4Lq43mKqHgFKPKgv3rffvvc/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 4 jun. 2026.

FÁVERO, Altair Alberto; LORENZON, Mateus. Aprendizagem na universidade: participação do estudante. **Revista Docência do Ensino Superior**, Belo Horizonte, v. 13, e042313, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rdes/article/view/42313>. <https://doi.org/10.35699/2237-5864.2023.42313>. Acesso em: 4 jun. 2026.

FELICETTI, Vera Lucia; MOROSINI, Marília Costa. Do compromisso ao comprometimento: o estudante e a aprendizagem. **Educar em Revista**, Curitiba, n. esp. 2, p. 23-44, 2010.

<https://doi.org/10.1590/S0104-40602010000500002>. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/er/a/jR9YNcXmmsHDdhSLLrNbtFN/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 4 jun. 2026.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LIMA, Leidiane da Silva Regis; ANTONIASSI JUNIOR, Gilmar. Ansiedade em mulheres universitárias: prevalência, indicadores e propostas para promoção da saúde mental no contexto acadêmico. **Revista Foco**, [S. l.], v. 17, n. 11, e6762, nov. 2024.

<https://doi.org/10.54751/revistafoco.v17n11-034>. Disponível

em: <https://ojs.focopublicacoes.com.br/foco/article/view/6762>. Acesso em: 4 jun. 2026.

MONTEIRO, Sandrelena da Silva. Promoção de saúde mental na universidade: alguns indicadores. **Horizontes**, Itatiba, v. 43, n. 1, e023165, 2025.

<https://doi.org/10.24933/horizontes.v43i1.1935>. Disponível em:

<https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/view/1935/933>. Acesso em: 4 jun. 2026.

NASCIMENTO, Luciana Maria Azevedo; LIMA, Yuri Oliveira de; BARBOSA, Carlos Eduardo; COSTA, Luis Felipe Coimbra; SANTOS, Ana Moura; GALENO, Larissa; XEXÉO, Geraldo Bonorino; SOUZA, Jano Moreira de. Paridade de Gênero no Ensino Superior em STEM no Brasil: uma análise de 10 anos. In: WOMEN IN INFORMATION TECHNOLOGY (WIT), 17., 2023, João Pessoa. **Anais [...]** Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2023. p. 217-227. <https://doi.org/10.5753/wit.2023.229472>. Disponível em:

<https://sol.sbc.org.br/index.php/wit/article/view/25024>. Acesso em: 4 jun. 2026.

NÓVOA, António; ALVIM, Yara Cristina. Os professores depois da pandemia. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 42, e249236, 2021. <https://doi.org/10.1590/ES.249236>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/mvX3xShv5C7dsMtLKTS75PB/?format=pdf&lang=pt>.

Acesso em: 4 jun. 2026.

PARO, Vitor Henrique. **Educação como exercício do poder**: crítica ao senso comum em educação. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2025. Disponível em: <https://www.vitorparo.com.br/wp-content/uploads/2019/10/educacaoexercicio.pdf>. Acesso em: 4 jun. 2026.

PAULA, Maria de Fátima Costa de. Políticas de democratização da educação superior brasileira: limites e desafios para a próxima década. **Avaliação**: Revista da Avaliação da Educação Superior, Campinas, v. 22, n. 2, p. 301-315, jul./nov. 2017. <https://doi.org/10.1590/S1414-40772017000200002>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/aval/a/KYs6H9L5YpppTCZHpHGd8SK/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 4 jun. 2026.

PINHEIRO, Rafael Vinicius; ANTONIASSI JUNIOR, Gilmar. Atuação do psicólogo escolar com grupo de Universitários: Uma proposta acolhedora embasada na prática da Universidade promotora da saúde. **ID on line - Revista de psicologia**, [S. l.], v. 16, n. 64, p. 165-187, 2022. <https://doi.org/10.14295/online.v16i64.3630>. Disponível em: <https://online.emnuvens.com.br/id/article/view/3630>. Acesso em: 4 jun. 2026.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. **Globalização e interdisciplinaridade**: o currículo integrado. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

SANTOS, Boaventura de Sousa; ALMEIDA FILHO, Naomar de. **A universidade no século XXI**: para uma universidade nova. Coimbra: Almedina, 2008.

SILVA, Ana Valéria Barbosa da; ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de; ROMARO, Paulo. Currículo, Tecnologia e Inovação: um diálogo para além dos muros. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v. 21, e61608, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.23925/1809-3876.2023v21e61608>. Acesso em: 4 jun. 2026.

SOBRINHO, José Dias. Democratização, qualidade e crise da educação superior: faces da exclusão e limites da inclusão. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 31, n. 113, p. 1223–1245, out. 2010. <https://doi.org/10.1590/S0101-73302010000400010>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/dFtMDqfdWm75WSc5vKXHCtq/?lang=pt>. Acesso em: 4 jun. 2026.

SOLDI, Rafael Augusto. Promoção da saúde mental no ensino superior: a experiência do projeto Valorize a Vida. **Gestus Multidisciplinar**, [S. l.], v. 1, n. 3, p. 167-174, dez. 2025. <https://doi.org/10.64956/gm-unifacol.v1i3.97>. Disponível em: <https://revista.unifacol.edu.br/index.php/ojs/article/view/97>. Acesso em: 4 jun. 2026.

STRAYHORN, Terrell Lamont. **College Students' Sense of Belonging**: A Key to Educational Success for All Students. 2. ed. New York: Routledge, 2018. <https://doi.org/10.4324/9781315297293>. Disponível em: <http://taylorfrancis.com/books/mono/10.4324/9781315297293/college-students-sense-belonging-terrell-strayhorn>. Acesso em: 4 jun. 2026.

TINTO, Vincent. **Completing College**: Rethinking Institutional Action. Chicago: University of Chicago Press, 2012.

UNESCO. **Global Education Monitoring Report 2023**: Gender Report. Paris: UNESCO, 2023. Disponível em: <https://gem-report-2023.unesco.org/>. Acesso em: 4 jun. 2026.

ZAGO, Nadir. Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, v. 11, n. 32, p. 226-237, maio/ago. 2006. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782006000200003>.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/wVchYRqNFkssn9WqQbj9sSG/?format=pdf&lang=pt>.

Acesso em: 4 jun. 2026.

SOBRE O(S)/A(S) AUTOR(ES)/A(AS)

Gilmar Antoniassi Junior. Doutor em Promoção de Saúde pela Universidade de Franca. Docente no Centro Universitário de Minas Gerais. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7906027945646821>

Como citar

ANTONIASSI JUNIOR, Gilmar. Saúde mental, participação e pertencimento acadêmico: desafios para a construção de currículos democráticos a partir das experiências de mulheres universitárias. **Revista Espaço do Currículo**, v. 19, n. 2, e79029, 2026. DOI: 10.15687/rec.v19i2.79029.